



“Saboreai e vede
Como o senhor é bom”



A Anunciação: quando o Céu entrou na história
Solenidade da Anunciação do Senhor

Teresa Alves

Primeira Leitura: Isaías 7:10-14

Salmo: 40(39):7-8a, 8b-9, 10, 11

Segunda Leitura: Hebreus 10:4-10

Evangelho: Lucas 1:26-38

Entre todos os acontecimentos narrados nos Evangelhos, poucos possuem uma profundidade tão silenciosa e ao mesmo tempo tão decisiva como a Anunciação do Senhor. Neste episódio, narrado por São Lucas, a história da salvação atinge um ponto de viragem: o Filho eterno de Deus, Deus de Deus, entra no tempo e assume a nossa natureza humana. Aquilo que durante séculos tinha sido prometido, anunciado e aguardado em Israel começa finalmente a cumprir-se.

A liturgia da Solenidade da Anunciação coloca este Evangelho em diálogo com a profecia de Isaías. Esta ligação revela a unidade profunda da revelação bíblica. O que em Isaías aparece como promessa torna-se realidade em Nazaré. O «Emanuel» anunciado ao rei Acáz manifesta-se plenamente em Jesus Cristo.

A Promessa de um Sinal: A Virgem e o Emanuel Profetizado

A primeira leitura, do profeta Isaías, situa-nos num momento particularmente tenso da história de Judá, como nuvens de tormenta sobre o horizonte do povo eleito. Nela lemos:

Naqueles dias, o Senhor mandou ao rei Acáz a seguinte mensagem: «Pede um sinal ao Senhor teu Deus, quer nas profundezas do abismo, quer lá em cima nas alturas». Acáz respondeu: «Não pedirei, não porei o Senhor à prova». Então Isaías disse: «Escutai, casa de David: Não vos basta que andeis a molestar os homens para quererdes também molestar o meu Deus? Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: a virgem conceberá e dará à luz um filho e o seu nome será “Emanuel”, porque Deus está connosco».

O rei Acáz enfrenta uma ameaça militar e sente-se pressionado a procurar alianças políticas para garantir a sobrevivência do seu reino. É neste contexto que o profeta Isaías lhe dirige uma palavra inesperada: «*pede um sinal ao Senhor teu Deus*», que é um convite a confiar na fidelidade do Altíssimo.

O rei, contudo, responde com uma aparente piedade que esconde desconfiança: «*Não pedirei, não porei o Senhor à prova*». Na realidade, Acáz já decidira confiar mais na diplomacia e nas alianças humanas do que na promessa divina. O profeta, em nome de Deus, responde então com uma declaração solene que ultrapassa completamente o horizonte imediato da crise política: «*A virgem conceberá e dará à luz um filho e o seu nome será “Emanuel”*» (Is 7:14).

No contexto histórico original, esta promessa significava que Deus continuaria presente no meio do seu povo, como um farol de graça no meio da tempestade. O nome «*Emanuel*», «*Deus connosco*», era um sinal de esperança, um sinal de que, apesar das ameaças externas, o Senhor não abandonaria a casa de David.

Contudo, a tradição bíblica reconheceu progressivamente que esta palavra possuía uma profundidade maior do que o seu contexto imediato. A promessa de um filho que seria sinal da presença de Deus converteu-se em esperança messiânica. O Evangelho de S. Mateus interpretará explicitamente esta profecia como cumprida no nascimento de Jesus (Mt 1:23).

A Anunciação revela, portanto, que aquilo que Isaías anunciou como sinal torna-se realidade plena em Cristo. O Emanuel não é apenas uma garantia simbólica da proximidade divina: é o próprio Deus que vem habitar no meio dos homens.

Nazaré: o lugar onde Deus começou tudo

O relato bíblico da Anunciação no Evangelho de S. Lucas é breve e sóbrio, mas nele estão contidas verdades fundamentais para compreender o mistério da Encarnação. Nele vemos:

Naquele tempo, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma Virgem desposada com um homem chamado José, que era descendente de David. O nome da Virgem era Maria. Tendo entrado onde ela estava, disse o anjo: «Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo». Ela ficou perturbada com estas palavras e pensava que saudação seria aquela. Disse-lhe o anjo: «Não temas, Maria, porque encontraste graça diante de Deus. Conceberás e darás à luz um Filho, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo. O Senhor Deus Lhe dará o trono de seu pai David; reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim». Maria disse ao anjo: «Como será isto, se eu não conheço homem?». O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso o Santo que vai nascer será chamado Filho de Deus. E a tua parenta Isabel concebeu também um filho na sua velhice e este é o sexto mês daquela a quem chamavam estéril; porque a Deus nada é impossível». Maria disse então: «Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra».

S. Lucas situa cuidadosamente o acontecimento: «*Naquele tempo, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré.*» A História da Salvação entra agora num cenário humilde e aparentemente insignificante. Nazaré não era um centro religioso nem político; era uma pequena aldeia periférica. Deus escolhe frequentemente aquilo que parece pequeno ou escondido para realizar os momentos decisivos da Sua obra. O mistério da Encarnação começa não num palácio ou num templo, mas na simplicidade de uma casa em Nazaré.

«Ave, cheia de graça»: a identidade de Maria

A destinatária da mensagem é uma jovem virgem chamada Maria, desposada com José, «da casa de David». Esta referência genealógica é fundamental, como elo de uma cadeia antiga. Ela recorda que as antigas promessas feitas à dinastia davídica continuam vivas na História. O Messias esperado por Israel deveria nascer da linhagem de David, e a menção de S. José estabelece essa ligação tecendo o novo na trama antiga.

Seis meses depois de Isabel ter concebido S. João Baptista, Deus envia o anjo Gabriel a uma jovem virgem de Nazaré chamada Maria. A saudação do anjo constitui uma das expressões mais reveladoras de todo o Novo Testamento: «*Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo.*»

A palavra traduzida como “Ave” ou “Salve”, corresponde à palavra grega *Chaire* que significa “alegra-te” e é a mesma usada pelos profetas de Israel ao anunciar o Messias prometido e a alegria que Ele traria ao povo de Deus (c.f. Jl 2:23-24; Zc 9:9).

Por seu lado, «*cheia de graça*», em grego *kecharitōmenē* indica uma plenitude de graça concedida por Deus. Não se trata apenas de um favor momentâneo, mas de uma condição permanente que define a identidade de Maria. A iniciativa pertence totalmente a Deus e como escreveu o Papa Bento XVI:

«Cheia de graça» no original grego kecharitōménē é o nome mais bonito de Maria, nome que lhe foi conferido pelo próprio Deus, para indicar que ela é desde sempre e para sempre a amada, a eleita, a predestinada para acolher o dom mais precioso, Jesus, «o amor encarnado de Deus». (1)

Maria, porém, «*ficou perturbada com estas palavras e pensava que saudação seria aquela.*» A sua reacção não é de incredulidade, mas de humildade diante de um mistério que ultrapassa toda a compreensão humana.

O Filho prometido e o mistério da Encarnação

Depois de tranquilizar Maria, o anjo anuncia o coração da mensagem: «*Conceberás e darás à luz um Filho, a quem porás o nome de Jesus.*» O Anjo Gabriel anuncia assim também o nome do Menino: será Jesus. Na tradição bíblica, o nome revela a identidade e a missão de uma pessoa. O nome Jesus significa «Deus salva». Em Israel, o nome de Deus era tão santo que quase nunca era pronunciado. Agora, esse nome salvador torna-se presente numa pessoa: o Filho de Deus feito Homem.

Desde o início, o Evangelho revela que a missão deste menino será trazer a salvação ao Seu povo. O anjo Gabriel acrescenta ainda uma série de títulos que evocam as antigas promessas messiânicas: o menino será «*grande*», será chamado «*Filho do Altíssimo*» e receberá «*o trono de seu pai David*». O Seu reino «*não terá fim*».

Estas expressões fazem eco da promessa feita a David no segundo livro de Samuel (2 Sm 7), onde Deus garante que a sua dinastia permanecerá para sempre. Em Jesus, essa promessa atinge o seu cumprimento definitivo. O reino messiânico não será apenas político ou temporário; será eterno.

Maria responde com uma pergunta: «*Como será isto, se eu não conheço homem?*» Esta questão revela a seriedade da Sua fé. Maria não duvida da palavra divina; procura compreender de que modo ela se realizará sendo ela virgem. A resposta do anjo revela o centro do mistério cristão: «*O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra.*»

Este versículo do Evangelho de S. Lucas revela uma profunda ligação com Êxodo 40:35 através da imagem da «sombra» que manifesta a presença ou glória de Deus. No Êxodo, a nuvem que cobre o tabernáculo e impede Moisés de entrar expressa a glória divina que habita no meio do povo de Israel. No Evangelho de Lucas, a mesma linguagem surge quando o anjo anuncia a Maria que o Espírito Santo virá sobre Ela e o poder do Altíssimo a «ensombrará».

Ambos os textos utilizam, como na tradução grega do Antigo Testamento (LXX), a mesma raiz verbal – *episkiazō* (ἐπισκιάζω) – para descrever esse gesto divino de cobrir com a sombra da Sua presença. Assim, a nuvem que envolvia o tabernáculo, a glória de Deus, torna-se imagem da ação do Espírito Santo que envolve Maria, a nuvem sagrada que gera vida.

Dessa forma, o paralelismo sugere um significado teológico profundo: assim como a glória de Deus habitava no tabernáculo, agora a presença divina habita em Maria, que se torna o novo lugar onde Deus se manifesta e permanece entre os homens.

O «sim» que mudou a História

O momento culminante do relato chega com a resposta de Maria: «*Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra.*» Deus não impõe o Seu plano; espera a livre cooperação de uma criatura humana. No instante em que Maria pronuncia o seu «sim», o Verbo eterno assume a natureza humana. Santo Agostinho, contemplando este mistério, afirma que Maria concebeu Cristo primeiro no coração pela fé e depois no Seu ventre (2). A Encarnação começa com um acto de confiança total na palavra de Deus.

Por essa razão, os primeiros Padres da Igreja chamaram à Virgem Maria «nova Eva». Assim como a desobediência de Eva abriu o caminho para o pecado e para a morte, a obediência de Maria abre o caminho para a vida, desatando nós milenares. Santo Ireneu de Lião, no século II, afirmava que «*o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé*» (3). Assim como a primeira mulher participou no drama do pecado ao acolher a palavra da serpente, Maria participa na redenção acolhendo a palavra do anjo e é ponte de graça entre a eternidade perdida e a eternidade restaurada.

A Anunciação é o momento em que a segunda Pessoa da Santíssima Trindade assume a nossa natureza humana. Este acontecimento é profundamente trinitário. O Pai envia o Filho ao mundo; o Espírito Santo realiza a concepção no seio da Virgem; e, assim, o Filho de Deus faz-Se verdadeiramente Homem. A Anunciação torna-se, portanto, uma manifestação do próprio mistério de Deus.

Por isso, a Igreja contempla este mistério com profundo assombro. No silêncio de uma casa em Nazaré, através da fé de uma jovem e humilde virgem, começa a realizar-se o plano de salvação preparado desde toda a eternidade. O Céu entrou verdadeiramente na História e a História nunca mais será a mesma, banhada pela luz do Emanuel.

Maria mostra-nos o caminho. O seu «faça-se» não nasceu de uma compreensão do mistério, mas de uma confiança total em Deus. Ela confiou na Palavra do Senhor entregou-Lhe toda a Sua vida. Confiemos também nós e deixemos que Deus transforme o nosso coração.

(1) Papa Bento XVI, *Angelus*, 8 Dezembro 2006.

(2) Santo Agostinho, *Sermo* 25, 7 (PL 38, 937).

(3) Santo Ireneu de Lião, *Adversus haereses*, 3, 22, 4: SC 211, 442-444.

(4) Brant Pitre, *Jesus e as Raízes Judaicas de Nossa Senhora*, 2022, Lucerna

(5) John Bergsma, *The Word of the Lord – reflections on the Mass Readings for solemnities and feasts*, 2021, Emmaus Road Publishing